

Rosemeire Reis



Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
reisroseufal@gmail.com

JUVENTUDES, VIDA UNIVERSITÁRIA E RELAÇÃO COM O SABER: CONTRIBUIÇÕES DAS NARRATIVAS DE SI

RESUMO

Este artigo analisa as contribuições das “narrativas de si” para compreender os sentidos que as juventudes atribuem à “vida universitária” e como se articulam às suas necessidades e razões construídas em suas vidas e nas atividades de formação. Ele apresenta os fundamentos do estudo a partir da teoria da relação com o saber e da pesquisa biográfica em educação ou pesquisa (auto)biográfica e traz as análises das narrativas de si de uma jovem estudante da Pedagogia em uma universidade pública federal, produzidas no âmbito do dispositivo do ateliê, com blogs reflexivos, e da entrevista de pesquisa biográfica em educação. Pode-se identificar que o estudo com narrativas de si em diferentes momentos da formação universitária possibilita processos de reflexividade individuais e coletivos sobre alguns desafios vivenciados e mostra a importância da criação de espaços de diálogo com os/as universitários/as, para potencializar articulações entre as diferentes aprendizagens biográficas e conhecer seus modos de expressão.

Palavras-chave: Juventudes. Vida universitária. Relação com o saber. Pesquisa (auto)biográfica. Narrativas de si

YOUTH, UNIVERSITY LIFE, AND THE RELATIONSHIP WITH KNOWLEDGE: CONTRIBUTIONS FROM SELF- NARRATIVES

ABSTRACT

This article analyzes the contributions of “narratives of self” to understand the meanings that young people attribute to “university life” and how they are articulated to their needs and motives built in their lives and training activities. It presents the foundations of the study from the theory of the relation with knowledge and biographical research in education or (auto)biographical research and presents the analyses of the narratives of the self of a young student of Pedagogy in a federal public university, produced within the device of the workshop with reflective blogs and the interview of biographical research in education. It can be identified that the study with narratives of self in different moments of university formation enables processes of individual and collective reflexivity about some challenges experienced presents the importance of creating spaces of dialogue with the university students to enhance the articulations between the different biographical learning and to know their ways of expression.

Keywords: Youth. University life. Relationship with knowledge. (Auto)biographical research. Self-narratives

Submetido em: 23/06/2022

Aceito em: 24/08/2022

Publicado em: 31/08/2022



[10.28998/2175-6600.2022v14n35p30-57](https://doi.org/10.28998/2175-6600.2022v14n35p30-57)



LA JEUNESSE, LA VIE UNIVERSITAIRE ET LE RAPPORT AU SAVOIR: CONTRIBUTIONS DE RÉCITS DE SOI

RÉSUMÉ

Cet article analyse les apports des “récits de soi” pour comprendre les significations que les jeunes attribuent à la “vie universitaire” et comment elles s’articulent à leurs besoins et motifs construits dans leur vie et leurs activités de formation. Il présente les fondements de l’étude à partir de la théorie du rapport au savoir et de la recherche biographique en éducation ou recherche (auto)biographique et présente les analyses des récits de soi d’une jeune étudiante en Pédagogie dans une université publique fédérale, produits dans le cadre du dispositif de l’atelier avec blogs réflexifs et de l’entretien de recherche biographique en éducation. On peut identifier que l’étude des récits de soi dans les différents moments de la formation universitaire, permet des processus de réflexivité individuelle et collective sur certains défis vécus, présente l’importance de créer des espaces de dialogue avec les étudiants universitaires pour améliorer les articulations entre les différents apprentissages biographiques et pour connaître leurs manières de s’exprimer.

Mots-clés: Jeunesse. La vie universitaire. Relation au savoir. Recherche (auto)biographique. Récits de soi

JUVENTUD, VIDA UNIVERSITARIA Y RELACIÓN CON EL SABER: APORTES DE LAS AUTONARRATIVAS

RESUMEN

Este artículo analiza las aportaciones de las “narrativas del yo” para comprender los significados que los jóvenes atribuyen a la “vida universitaria” y cómo se articulan con sus necesidades y motivos construidos en sus vidas y actividades formativas. Presenta los fundamentos del estudio a partir de la teoría de la relación con el conocimiento y la investigación biográfica en educación o investigación (auto)biográfica y presenta los análisis de las narrativas del yo de una joven estudiante de Pedagogía en una universidad pública federal, producidas en el ámbito del dispositivo del taller con blogs reflexivos y la entrevista de investigación biográfica en educación. Se puede identificar que el estudio con narrativas del yo en diferentes momentos de la formación universitaria posibilita procesos de reflexividad individual y colectiva sobre algunos desafíos vividos, presenta la importancia de crear espacios de diálogo con los universitarios para potenciar las articulaciones entre los diferentes aprendizajes biográficos y conocer sus formas de expresión.

Palabras clave: Juventud. La vida universitaria. Relación con el conocimiento. Investigación (auto)biográfica. Autonarraciones

1 INTRODUÇÃO

Adentrar uma universidade, no Brasil, é privilégio de poucos/as, em especial se a instituição for pública, historicamente destinada às elites. Conforme o Censo de 2019, são 8,6 milhões de estudantes matriculados/as no Ensino Superior; destes/as, apenas 32,7% dos/as jovens de 18 a 24 anos estão nesta etapa da escolarização e, dentre eles/as, a maior parte cursa o sistema de Educação Superior privado. A rede privada conta com mais de 6,5 milhões de alunos/as (75,8%). A Educação Superior pública perfaz somente cerca de 2,1 milhões, sendo 1,3 milhão no sistema público federal.

Mesmo que insuficientes, gradativos avanços são identificados no acesso às universidades públicas federais a partir dos anos 2000. Os resultados da V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos/as Graduandos/as das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes), de 2018 (FONAPRACE, 2019), apontam um aumento na entrada de estudantes de escolas públicas, de negros/as e de indígenas na universidade. Identificou-se que 48,3% dos/as estudantes pesquisados/as ingressaram nas universidades públicas federais por cotas (escolas públicas, negros e negras, indígenas etc.). O percentual de graduandos/as das Ifes oriundos/as exclusivamente de escolas públicas passa de 37,5%, em 2003, para 60,4% em 2018. Identifica-se, ainda, que 70,2% pertencem a famílias com renda *per capita* de até 1,5 salário-mínimo. Grande parte dos/as estudantes que estão nas universidades públicas federais são de classe social menos favorecida, fato que gera dificuldades para a permanência no Ensino Superior.

Na contramão de alguns avanços obtidos nas últimas décadas, o Governo Federal (2018) intensificou drasticamente os cortes de verbas para a educação e, em especial, para as universidades públicas federais. Como consequência, por exemplo, houve redução na oferta de bolsas de estudo/permanência, o que afeta estudantes e, muitas vezes, a sobrevivência de suas famílias. Muitos/as não têm computadores e acesso à internet, aspecto evidenciado com a pandemia da Covid-19, o que redobra os desafios vivenciados pelo/as alunos/as quando são obrigados/as a participar do ensino remoto.

Considero que ataques às universidades públicas federais não são gratuitos. Articulam-se aos retrocessos de uma sociedade elitista, que não legitima que determinados grupos passem a fazer parte dela.

Essas dificuldades potencializam os desafios para que os/as estudantes tenham acesso e permaneçam nas universidades públicas federais, que, em razão das lógicas de aprender construídas historicamente pela cultura acadêmica ocidental, incluem também as

exigências de realizar um intenso trabalho de afiliação, que Coulon (2017) denomina como processo vivido por cada estudante de estranhar, adaptar-se e afiliar-se à cultura acadêmica, o que inclui a necessidade de compreensão das lógicas específicas de aprender e das relações que se estabelecem na universidade.

Parto do pressuposto de que o processo de afiliação é complexo, com tensões e ressignificações constantes realizadas pelos/as jovens em sua construção como estudantes, e não têm uma linearidade. Ocorrem adaptações, confrontos e ressignificações entre os modos de aprender e saberes exigidos na universidade em relação ao capital biográfico e às reservas experienciais dos/as estudantes (DELORY-MOMBERGER, 2019; SCHUTZ, 1979), construídos em diferentes espaços sociais. Neste processo, os/as estudantes elaboram táticas cotidianas para enfrentar as exigências da vida universitária (CERTEAU, 2007).

Se é possível encontrar, na última década, estudos que se preocupam com essas questões históricas e políticas dos retrocessos nos investimentos e nas políticas de permanência que têm assolado as universidades públicas federais brasileiras, ampliam-se também aqueles que buscam analisar os desafios de jovens e pessoas adultas para se construírem como estudantes universitários/as neste cenário e os sentidos de estudar na universidade para aqueles/as que, antes, eram excluídos do Ensino Superior, e que dela passam a fazer parte¹.

Este artigo insere-se neste movimento de pesquisas brasileiras que questionam como as juventudes estão construindo-se como estudantes na universidade, tendo como foco aquelas nas universidades públicas federais. Parte-se da concepção de juventude como categoria relacional, construída numa perspectiva histórica e social (DAYRELL 2007; 2009; PAIS, 1993; WEISS, 2015), compreendida enquanto coletividades e/ou sujeitos singulares/sociais com suas relações com o mundo, com os outros e consigo mesmos e como “sujeitos de direitos”.

Compartilho com Angélica Silvana Pereira (2021) a compreensão de que “os/as jovens constroem em distintos espaços e tempos sociais, não apenas no âmbito das instituições, mas também nas vivências práticas de interação e redes de relações de experiências tidas como ‘informais’” (PEREIRA, 2021; PAIS, 2003; DAYRELL, 2007). Considera-se, ainda, que se seus modos de expressão, saberes e aprendizagens juvenis são construídos nas atividades realizadas em diferentes espaços sociais, sendo a universidade um desses importantes espaços, com exigências da cultura acadêmica,

¹ Ver: Charlot, Neves e Silva (2017).

lógicas específicas de aprender e demandas relacionais, contribui para a construção de sua relação com o saber (CHARLOT, 2000; 2021; REIS, 2021a).

Outro pressuposto é de que estudos com jovens em diferentes momentos de seu percurso universitário, a partir de narrativas de si, compreendidas como “experiências realizadas”, podem contribuir para a compreensão desses processos². Neste sentido, está em andamento uma pesquisa qualitativa socioantropológica³, com jovens do curso de Pedagogia de uma universidade pública federal, que se funda no paradigma do biográfico (DELORY-MOMBERGER, 2017)⁴ e na teoria da relação com o saber (CHARLOT, 2021). Tais referenciais teóricos dialogam entre si por fundamentarem-se na perspectiva antropológica de aprender num sentido amplo, como “tornar-se”, e por focalizarem as aprendizagens como resultados de interpretações que os/as jovens realizam de suas experiências nos espaços sociais em que se inscrevem, para se construírem como sujeitos singulares/sociais.

Como parte de uma pesquisa mais ampla⁵, este artigo analisa as contribuições do estudo das narrativas de si como “experiências realizadas” para compreender os sentidos que as juventudes atribuem às atividades e relações estabelecidas na “vida universitária”⁶. O objetivo do texto é trazer à tona as articulações entre os fundamentos da teoria da relação com o saber e da pesquisa biográfica em educação ou pesquisa (auto)biográfica e apresentar análises das narrativas de si de uma jovem estudante da Pedagogia em uma universidade pública federal, produzidas no âmbito do dispositivo do ateliê, com blogs reflexivos, e da entrevista de pesquisa biográfica em educação, especialmente em relação às razões construídas para suas vidas e para sua formação, a partir das interpretações das atividades vivenciadas.

² Estudos com os/as estudantes em diferentes momentos de sua trajetória escolar são parte dos pressupostos teóricos e metodológicos de pesquisa (REIS, 2021b).

³ A articulação de tais pressupostos teóricos/metodológicos é explicada no artigo: “Diálogos entre Questões de Pesquisa que Orientam a Teoria da Relação com o Saber de Bernard Charlot e a Pesquisa Biográfica em Educação de Christine Delory-Momberger”, publicado na *Revista Internacional EDUCON* (REIS, 2021b).

⁴ Passeggi (2020) apresenta uma cartografia dos 40 anos que ela denomina de “paradigma narrativo-autobiográfico na pesquisa qualitativa em educação”, com seus respectivos princípios epistemológicos, que se interligam: “a das histórias de vida em formação [...]; a da pesquisa biográfica em educação [...] e a da pesquisa (auto)biográfica [...]” (PASSEGGI, 2020, p.60).

⁵ Estudo “Pesquisa biográfica, juventudes e mobilização para aprender” (2019-2022), na UFAL, no âmbito do grupo de pesquisa Juventudes, Culturas e Formação (GPEJUV-UFAL). Este artigo faz parte das produções como resultado de pesquisa. Agradeço o apoio à pesquisa aprovada no Edital Universal (nº 439558/2018-2) e como bolsa de produtividade PQ2-CNPq, nº 313398/2018-6).

⁶ A vida universitária deve garantir o direito de participação em atividades de ensino, pesquisa e extensão às juventudes que ascendem à universidade, conforme o art. 52 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) (BRASIL, 1996, p.18).

A seguir, apresento, brevemente, as articulações entre a noção de atividades, a relação com o saber e as múltiplas dimensões da vida universitária. Em seguida, recorro à noção de narrativa de si como “experiências realizadas”, que permitem o entrelaçamento de processos de pesquisa e de formação de si. Na sequência, delinheiro alguns pressupostos metodológicos dos procedimentos de pesquisa e apresento o exemplo das análises das narrativas de si de uma jovem participante da pesquisa em diferentes momentos do curso. Nas considerações finais, retomo as questões que me movem neste artigo, que se referem às contribuições das narrativas de si para estudar os indícios de relação com o saber das juventudes na vida universitária.

2 ATIVIDADES, VIDA UNIVERSITÁRIA E RELAÇÃO COM O SABER

Para estudar os sentidos que os/as jovens estudantes atribuem à vida universitária, parte-se da teoria da relação com o saber, que, de acordo com Bernard Charlot⁷, “fundamenta-se numa perspectiva socioantropológica”, a partir da noção de inacabamento de sujeitos/as que precisam aprender para entrar em um mundo que já existe (CHARLOT, 2000; 2021; SÈVE, 2008; DELORY-MOMBERGER, 2021). O autor embasa-se no pressuposto de que os/as sujeitos/as tornam-se humanos/as como resultado de um conjunto de relações sociais (Sève, Marx) “[...] e de que se apropriam do mundo pelo engajamento em atividades socioculturais, conforme Vygotsky e Leontiev” (REIS, 2021b, p.1). Deste modo, o desejo de aprender configura-se como mobilização, a partir das razões criadas pelas interpretações que cada um/uma produz das atividades realizadas no mundo social.

Temos que aprender para fazer parte deste mundo, num processo incessante de tornar-nos sujeitos/as singulares/sociais. Compreende-se a noção de sujeito/a não como uma concepção substancialista do ser, mas como o devir sempre outro, que não aquele/a que se é, “a partir da interpretação sempre renovada das objetivações da existência humana” (JOHANN MICHEL, 2013, p.145), mediante engajamento em atividades como práticas sociais e culturais que, ao serem apropriadas, transformam-se em “experiências realizadas”. Parte-se do pressuposto, também, de que “as atividades, as experiências e as aprendizagens que delas se apreendem estão envoltas em processos formativos em disputa, em relação às possibilidades de impor determinados modos de compreender e de organizar o mundo” (REIS, 2021b, p.6), e de que nem todos/as têm acesso às mesmas atividades.

⁷ Para o estudo das diferentes abordagens teóricas da relação com o saber, ver: Laterrasse (2002); Vercellino (2021).

É importante retomar que a noção de atividade é compreendida como “um conjunto de ações portadas por um móbile que visa a um objetivo (LEONTIEV, 1975; CHARLOT, 2000; 2021; REIS, 2021). Leontiev (1984, p.82) explica que “o objeto da atividade é seu verdadeiro motivo. Se subentende que este pode ser tanto material, como ideal, tanto dado pela percepção, tanto existente somente na imaginação, no pensamento”. Acrescenta o autor que “atrás do motivo há sempre uma necessidade, que responde sempre a uma outra necessidade” (LEONTIEV, 1984, p.82). Partilho com Charlot (1997, p.62) a ideia de que os motivos ou razões que trazem à tona nossas necessidades constroem a mobilização, isto é, permitem “reunir forças para usar a si mesmo como recurso e, também, é se engajar em uma atividade”.

Os motivos e necessidades construídos socialmente e que nos mobilizam à realização de determinadas atividades podem revestir-se da dimensão epistêmica: dominar saberes-objetos, aprender a realizar uma atividade ou regular uma relação de uns/umas com os/as outros/as; da dimensão identitária: das imagens que temos de nós mesmos/as e que queremos que as outras pessoas tenham de nós e da dimensão social e modos de compartilhar o mundo com os/as outros/as, inseridos/as em uma relação social, em uma sociedade com posições sociais e relações de poder em tensão (CHARLOT, 2000; 2021). Estes três processos da relação com o saber – epistêmicos, sociais e identitários – participam da construção de nossa humanização, socialização e singularização e são genericamente denominados “relação com o saber” (CHARLOT, 2000; 2021).

Nas narrativas de si de cada um/a, encontram-se indícios “das dimensões epistêmicas, identitárias e sociais do aprender, que estão interrelacionadas e que participam da construção da nossa relação com o mundo, com os outros e com nós mesmos” (CHARLOT, 2001; 2021). A quais atividades jovens estudantes da Pedagogia têm acesso? Quais as razões para engajar-se ou não em determinadas atividades? Quais indícios de relação epistêmica, identitária e social com o saber podem ser identificados? Quais aprendizagens biográficas sobressaem-se na produção de seus motivos? Suas questões são construídas nesse percurso de formação na vida universitária?

Para estudar tais questões, parte-se dos pressupostos de que se aprende na universidade, em seus diferentes espaços, com atividades de extensão, pesquisa e ensino, grupos culturais e políticos, dentre outros. Compreende-se, ainda, que os processos formativos na universidade devem ter como objetivos a produção e a apropriação de conhecimentos para a formação humana em um sentido amplo, com compromisso social, com criticidade, e não somente uma formação restrita ao saber-fazer profissional. As múltiplas referências culturais dos espaços que englobam as atividades e os encontros na

universidade podem propiciar às juventudes a ampliação de suas leituras do mundo e a curiosidade epistemológica, no sentido freiriano (1989). Deste modo, torna-se central a noção da “vida universitária como um território”, com suas fronteiras e diálogos com outros espaços sociais. Neste território, as juventudes podem vivenciar a formação e seus modos de expressão de determinadas maneiras.

A noção de território remete, como explica Delory-Momberger, à fronteira que se constitui em um jogo de identificação e diferenciação. “Ela polariza uma operação de territorialização do espaço, demarcando o que é para si e o que é para o outro [...], e focaliza, ao mesmo tempo, sentimento identitário” (DELORY-MOMBERGER, 2018, p.97). A vida universitária pode ser compreendida como um território cujo cerne é a cultura acadêmica, constituído com múltiplas atividades e possibilidades de aprender, em torno das quais se constroem fronteiras visíveis e invisíveis, que delimitam para os/as estudantes que dele participam o que os/as constitui diferente dos outros, que dele não fazem parte, seus sentimentos de pertencimento ou de não pertencimento à universidade.

Entrar na universidade é ultrapassar fronteiras. Existem demarcações objetivas. Por um lado, é preciso levar em consideração a apropriação objetiva destes tempos e espaços nesse território, que é afetado pelo contexto político e econômico. No contexto atual, por exemplo, a universidade está sendo fortemente afetada, com cortes de verbas e políticas que ganham contornos privatistas e elitistas, o que intensifica os modos desiguais dos/as jovens se engajarem nas diferentes atividades da vida acadêmica, dependendo de sua classe social, gênero, raça e de outros marcadores sociais.

Existem, ainda, demarcações simbólicas, invisíveis, que precisam ser ultrapassadas a todo momento: signos de reconhecimento internos e externos; sua apropriação subjetiva; porque constituem-se por sistemas simbólicos, linguagens, valores, com atravessamentos de suas lógicas e demandas específicas de engajamento. Participar de um grupo de pesquisa, de um projeto de iniciação científica, de uma monitoria, de um artigo em um livro, de um projeto de extensão etc. produz processos de reconhecimento na vida universitária e pode impulsionar, ou não, o engajamento com novas atividades, nutrir ou criar questões para os/as jovens em relação a si mesmos/as, às outras pessoas e ao mundo.

Deste modo, compartilho com Jeane Félix e Mariana Lins Oliveira (2020) a ideia da universidade como um território para além do espaço físico. Compreende-se o território universitário conforme Guatarri e Rolnik (1996): “lugar de acolhida, de reconhecimento, do sentimento de se sentir parte de um ‘sistema social’ [...] [com estabelecimento de] laços afetivos, valores, de partilha de sonhos, angústias e de projetos de vida que vão dando

contorno a um sentimento de pertença” (FÉLIX; OLIVEIRA, 2020, p. 86)⁸. Reitero que os estudos com os/as jovens em diferentes momentos da vida universitária, a partir de suas narrativas de si como “experiências realizadas”, permitem uma aproximação com essas dimensões, pelas interpretações que produzem das atividades a que eles/as têm acesso, em articulação com aquelas que realizam das experiências em outros espaços sociais⁹.

3 NARRATIVAS DE SI COMO MEIOS QUE PRODUZEM “EXPERIÊNCIAS REALIZADAS” NA VIDA UNIVERSITÁRIA

É importante apresentar do que se trata a noção de narrativa de si como “experiência realizada”, conforme os pressupostos teórico-metodológicos da teoria da pesquisa biográfica em educação (DELORY-MOMBERGER, 2014; 2019; 2021; REIS, 2021b).

Considera-se que cada um/uma realiza “um conjunto de operações ou comportamentos para dar forma própria a sua existência, se reconhecer e ser reconhecido pelos outros” (DELORY-MOMBERGER, 2014; 2019; 2021). Esse processo, como explica Delory-Momberger, denomina-se “biografização” e ocorre em todos os momentos de nossas vidas. Parte-se do pressuposto de que cada um/uma recorre a um “estoque de conhecimento que lhe serve como um código de interpretações de suas experiências passadas e presentes e, também, determina a antecipação das coisas que virão” (SCHÜTZ, 1979, p.74) e que produzem as aprendizagens biográficas, pelos significados singulares atribuídos aos eventos e situações vividas e participam da construção dos “recursos de nosso capital biográfico” (DELORY-MOMBERGER, 2019, p.81). Tal estoque é mobilizado para interpretar novas experiências, processo este que não ocorre de modo harmônico. “A experiência em curso pode, por exemplo, ser identificada como uma experiência anterior igual, mas modificada ou, ainda, uma experiência do tipo semelhante [...]. Ou, então, a experiência em curso aparece como estranha, no caso de nem remeter a um tipo à mão de experiência anterior” (SHUTZ, 1974, p.75).

Deste modo, conforme Delory-Momberger (2019), algumas situações não se tornam experiências, não ensinam, não acham lugar em nossa biografia experiencial; outras envolvem um intenso trabalho de biografização e há, ainda, aquelas enquanto aprendizagens biográficas significativas, que dialogam, nutrem as necessidades, as indagações, as questões que estão mobilizando o/a sujeito/a em um determinado momento

⁸ Território é compreendido a partir dos estudos de Guatarri e Rolnik (1996).

⁹ Maria Celeste R. F Souza e Míria N. S. Loureiro em suas pesquisas com jovens realizam uma interessante articulação entre relação com o saber e territórios de pertencimento. (SOUZA; LOURENÇO, 2021).

e permitem a elaboração de novas questões, novos modos de analisar o que é considerado conhecido. A autora explica que a narrativa de si “é o lugar onde se elabora o ‘colocar em forma’ (mise en forme) (Gestalt) e, portanto, a formação (Bildung) de si, sendo também um lugar de aprendizagem” (DELORY-MOMBERGER, 2005, p.136).

Para produzir as narrativas de si, há um trabalho, que pode ocorrer por diferentes linguagens, para dar coerência e sentidos ao vivido. Quando se participa de espaços de pesquisa com a produção de narrativas de si, cada participante é convidado/a a realizar tal trabalho e o processo de biografização é intensificado. As interpretações das atividades realizadas, de sentimentos e situações não são o passado, mas o trabalho de reconfiguração, de articulação de aprendizagens biográficas, e permitem uma nova experiência, que é formativa, porque permite retomar questões, produz novas questões e distanciamentos reflexivos e possibilita potencializar e fazer dialogar diferentes dimensões da vida e da formação. Compreende-se que a narrativa produzida não é somente o sistema simbólico por que os/as indivíduos/as conseguem expressar o sentimento de sua existência: a narração é, também, o espaço em que o ser humano forma-se, elabora e experimenta sua história de vida.

Essa compreensão da narrativa de si fundamenta-se nos estudos de Ricoeur. Para ele, o tempo torna-se humano por articular-se de modo narrativo e os relatos produzem a mediação das experiências humanas com os sistemas simbólicos. Homens e mulheres produzem histórias sobre si mesmos/as a partir de interpretações das experiências sociais. Suas ações e seus modos de pensar são inscritos nas “histórias que organizam e constroem a experiência segundo a lógica do relato” (DELORY-MOMBERGER, 2017, p.15). Ricoeur denomina esse processo de produção das narrativas de “*mise en intrigue*” (organização em enredo), que ocorre nas e pelas linguagens, a partir das lembranças de eventos heterogêneos e da construção de uma totalidade inteligível (RICOEUR, 2014, p.292).

Os/as participantes da pesquisa produzem narrativas de si articulando suas lembranças, construindo sentidos, reconfigurando eventos heterogêneos do vivido para produzir uma totalidade coerente, uma história que tenha sentido, a partir de sua preocupação do presente. A questão proposta pela pesquisadora instiga os/as estudantes a expressar suas ideias, reflexões, angústias e indagações com interpretação das experiências.

Partilho com Delory-Momberger (2019, p.81) a compreensão de que a experiência é a maneira pela qual “nos apropriamos do que vivemos, provamos, conhecemos”. A autora argumenta que a passagem da experiência imediata para a experiência adquirida constitui

nossos recursos experienciais, que Schütz denomina “biografia da experiência” (*Erfahrungsbiographie*). Trata-se, portanto, não apenas de expressar lembranças, mas de um trabalho de reflexividade para a construção dos sentidos das experiências e atividades vivenciadas e, portanto, esses processos constituem-se como “experiências realizadas”. Tais processos são de formação e de pesquisa para aqueles que dela participam: tanto para o/a pesquisador/a, como para os/as colaboradores/as da pesquisa¹⁰.

Elizeu Clementino de Souza e Mariana Martins Meireles (2018) explicam que “produção da narrativa se torna um ato, uma disposição ontológica, pois os sentidos produzidos pelos sujeitos sobre si e sobre seus mundos sociais revelam modos de apreensão e interpretação do vivido” (SOUZA; MEIRELES, 2018, p.290). Valérie Melin salienta que tal processo contribui para a configuração biográfica de cada estudante e para compreender o projeto que tem de si mesmo/a, desenhando os contornos de sua lógica subjetiva em relação às práticas sociais em que estão inseridos (MELIN, 2020, p.291). Acrescento que “a narrativa de si pode permitir, ainda, um distanciamento reflexivo sobre outras perspectivas de compreensão dos outros e do mundo” (REIS, 2021b, p.16).

As articulações entre pressupostos teóricos da teoria da relação com o saber e da pesquisa biográfica em educação têm como pressuposto que as dimensões da atividade, da experiência vivida e da experiência realizada estão, por meio das narrativas, dialeticamente imbricadas [...] (REIS, 2021b, p.18).

4 ATELIÊ COM BLOGS REFLEXIVOS E ENTREVISTA DE PESQUISA BIOGRÁFICA

Para apresentar as contribuições das “narrativas de si” em relação aos sentidos que as juventudes atribuem à “vida universitária” e como tais sentidos articulam-se às suas necessidades e razões construídas em suas vidas e nas atividades de formação, focalizo, a seguir, algumas análises a partir de dois procedimentos da pesquisa: os blogs reflexivos e a entrevista de pesquisa biográfica.

Entre o segundo semestre de 2018 e o primeiro semestre de 2019 (período de um ano), participaram do dispositivo da pesquisa-formação com blogs reflexivos 10 jovens estudantes de Pedagogia do turno vespertino (oito mulheres e dois homens), com encontros quinzenais, após as aulas¹¹. Eram estudantes que estavam no terceiro e no quarto períodos do curso. A partir de 2019, três mulheres e um homem entram no grupo de

¹⁰ Sobre os processos formativos da pesquisa biográfica em educação para o/a pesquisador/a, ver: REIS, 2020.

¹¹ Na universidade, esse dispositivo de pesquisa-formação foi registrado como um projeto de extensão.

pesquisa Juventudes, Culturas e Formação (Gpejuv-Ufal) e são convidados/as a escrever um relato escrito sobre a experiência vivenciada.

Entre o final de 2021 e o início de 2022, com a retomada dos trabalhos presenciais na universidade, finalmente realizei as entrevistas de pesquisa biográfica em educação com aqueles/as que fizeram parte do dispositivo com blogs reflexivos quando estavam na etapa de finalização do curso de Pedagogia. Tais entrevistas estavam previstas para acontecer anteriormente, mas foram proteladas em razão da pandemia de Covid-19. Como não é possível apresentar as análises da totalidade dos materiais produzidos pelos/as jovens estudantes neste artigo, escolho o exemplo daqueles produzidos por Luana nos três momentos: a partir do blog construído; do texto escrito como relato de experiência e de sua entrevista de pesquisa biográfica em educação, por permitir identificar as interpretações que a jovem realiza dos processos vivenciados nos diferentes espaços sociais e nas atividades em que se engaja na vida universitária. Tal escolha ocorre porque sua participação nesses diferentes momentos propicia questões relevantes para os objetivos deste artigo¹².

4.1 Dispositivo ateliê com blogs reflexivos

Um dos procedimentos utilizados na pesquisa é o dispositivo pesquisa-formação “ateliê com blogs reflexivos”, que se inspira nos pressupostos teóricos/metodológicos do ateliê biográfico de projeto criado por Delory-Momberger (2014). Ambos são dispositivos de formação, a partir de um trabalho biográfico realizado em grupo, em que ocorre a socialização de narrativas de si que postulam “uma inteligibilidade partilhada do mesmo e do outro” (2014, p.100). Nos encontros, as narrativas orais, escritas e feitas a partir de imagens, aspectos construídos nos blogs e socializados produziam momentos de reflexividade, distanciamento, reconhecimento de suas questões nas narrativas do/da outro/a etc.

Cada participante do ateliê foi instigado/a a produzir um blog sobre momentos significativos da vida universitária, com imagens, narrativas escritas, músicas, poesias etc. Nos encontros, os materiais compostos eram socializados e debatidos, gerando narrativas orais partilhadas entre os/as integrantes do grupo. Neste artigo, não há condições de analisar as narrativas produzidas no ateliê com blogs reflexivos dos/as 10 participantes e

¹² A proposta inicial era apresentar as análises dos materiais de três jovens, porém, em razão das limitações de espaço do artigo, opto por apresentar as análises do material de Luana (nome fictício).

as respectivas entrevistas de pesquisa biográfica em educação, como também o aprofundamento das temáticas.

Os eixos delineados como inspiradores das postagens nos blogs reflexivos foram: como a universidade entrou na minha vida; a relação com os conteúdos; as sociabilidades; a relação com os espaços; pertencimento ou não pertencimento. Em cada encontro, um dos eixos delineados era priorizado e os/as participantes apresentavam o que haviam produzido: suas postagens em seus blogs, com imagens, músicas, poemas e pequenos textos. Após cada apresentação, ocorriam debates, com momentos de reflexões, emoção, trocas de referências sobre as temáticas abordadas, indagações de si mesmos em relação às experiências na universidade e entre outros espaços sociais e questões que os/as tocavam quando estavam realizando tal processo.

Além das temáticas dos eixos, na última fase, a coordenadora produz e apresenta seu vídeo, denominado “Portas e Portais”, sobre sua relação com a universidade, conforme solicitação do grupo. Outros/as participantes são convidados/as a fazer vídeos para inserir nos blogs, com um texto reflexivo. Ocorrem as apresentações dos vídeos em grupo e o debate. Os encontros finais são para avaliação individual e coletiva dos ateliês e há, ainda, a produção escrita dos efeitos formativos do dispositivo de pesquisa-formação para cada um/a, com quatro integrantes do grupo, para a produção de um relato de experiência.

É importante salientar que o ateliê com blogs reflexivos articula as “práticas automediais” e proporciona diferentes modos de construção de narrativas de si “como experiências realizadas”. Tais práticas englobam linguagens: faladas e escritas, fotográficas, audiovisuais, gráficas, plásticas, digitais, corporais e gestuais, teatrais etc¹³. Conforme Delory-Momberger e Bourguignon (2020), esses meios não são simplesmente para dar suporte para expressar a subjetividade, mas são práticas pelas quais e nas quais uma subjetividade em ato exprime-se e encontra suas formas. Os/as sujeitos/as constroem-se nas práticas de si e nas técnicas de si, usando mediações exteriores. Os meios blogs e vídeos, mobilizados no dispositivo de ateliê com blogs reflexivos, permitem a automedialidade ou medialidade biográfica enquanto “espaço de criação onde se articula o movimento de busca do sensível exercida sobre o material e sobre o fazer e o trabalho de reflexão subjetiva que acompanha o gesto da criação e o trabalho sobre si do sujeito agindo sobre si mesmo” (DELORY-MOMBERGER; BOURGUIGNON, 2020, p.23) no processo realizado¹⁴.

¹³ Essa articulação será aprofundada em outros artigos.

¹⁴ Os ateliês com blogs reflexivos, enquanto “práticas de si” com processos de subjetivação reflexiva, são compreendidos como possibilidade da passagem de uma subjetivação que se faz sob práticas coercitivas a uma subjetivação refletida e

Um desafio metodológico para o desenvolvimento da pesquisa-formação com o dispositivo de blogs reflexivos foi a produção/escolha de imagens para o blog que trouxessem interpretações significativas sobre as aprendizagens, as experiências vividas, as práticas de si. Como somos formatados/as, em nossas experiências, a reproduzir modelos, foi preciso um trabalho gradativo de superação da produção de imagens apenas como registros externos ou documentos. Aos poucos, alguns/mas participantes passaram a trazer, nas imagens, aspectos de seus processos de subjetivação, de suas metáforas sobre a relação com a universidade, e provocavam nos/as outros/as uma reflexão e novos modos de escolher as imagens com questões para os encontros, sem medo da reprovação do grupo.

O que cada um/a elabora, ao ser compartilhado nos encontros em grupo, proporciona ressonância nas produções de outros/as participantes do grupo, enquanto momentos de heterobiografização, em que são identificadas as proximidades com as questões do/a colega, permitem os diálogos e as reflexões que nutrem para cada participante suas próprias questões (REIS, 2020), como é possível identificar a seguir:

Sobre os modos de expressão singulares que dialogavam entre si pode-se citar as narrativas e imagens de Lucas que tratam da sua relação com a universidade como produtora do “homem máquina”, pela racionalidade e excesso de atividade, que subtrai de sua vida a sensibilidade na sua relação com o mundo. Ao mesmo tempo ele apresenta um engajamento com as experiências vividas nos espaços fora da sala de aula, como o movimento negro. Letícia apresenta uma análise crítica da sua relação com a universidade marcada pela origem social de classe desfavorecida e a presença marcante das mulheres de sua família em sua vida. Apresenta uma reflexão sobre o lugar da mulher negra na universidade. Carla também traz à tona a questão de ser estudante universitária e mulher negra. Eliane apresenta no blog a importância simbólica de ter tido acesso à universidade, como mãe e como egressa da modalidade educação de jovens e adultos. Nos relatos e imagens ela busca traduzir seus sentimentos e afirma seu orgulho pela conquista árdua de se tornar estudante universitária. (Excertos das anotações do diário de campo).

As questões de cada um/uma dialogam entre si e produzem aprendizagens, partilha de referências, ressonâncias e influências nas reflexões e nas produções do grupo. Constatou-se, ainda, que as temáticas privilegiadas nos blogs se transformaram, para alguns/mas, em temas de Trabalho de Conclusão de Curso.

A seguir, apresento alguns fragmentos de narrativas escritas sobre os efeitos formativos vivenciados no ateliê¹⁵:

Texto: “Encontros de construção e reconstrução de identidade a partir da partilha e vivências ocasionadas pelo ambiente universitário” afirma: “um dos pontos mais positivos na minha experiência foi poder reconhecer a importância da minha história e o quanto devo me orgulhar de estar onde estou. Pensar nos caminhos que percorri

mais autônoma, enquanto podem contribuir para possibilitar ao sujeito colocar-se em um trabalho de modificar a si mesmo, na sua relação com os outros (FOUCAULT, 2004).

¹⁵ Nomes fictícios dos/as participantes.

foi algo doloroso, pois são nesses momentos de reflexões que percebemos o quão árduo é o caminho para os jovens de camadas populares chegarem em um lugar de "prestígio social", pois as condições sempre parecem ser contrárias às nossas vontades. [...] Ouvir os outros ali presentes fez com que a minha forma de os enxergar também se modificasse. [...] Criar o conteúdo para o blog também foi uma "descoberta", pois nem eu imaginava escrever coisas tão legais e profundas, e que outras pessoas também pudessem gostar do meu jeito de escrever. Isso me propiciou segurança na escrita dos meus sentimentos e me abriu algumas portas, tanto que pude apresentar um poema criado por mim numa feira literária na minha cidade. [...] Meu sentimento é de que mais espaços como esses precisam ser construídos nas universidades, para que jovens possam se sentir acolhidos/as, respeitados/as e à vontade para ser quem são, sem medo dos julgamentos que nos cercam diariamente na universidade e na sociedade em que vivemos. (Excertos da narrativa de Beatriz).

Texto: A construção de espaços para chorar e a formação a partir do corpo e da experiência coletiva: "Foi desconfortável no começo, mas depois tornou-se algo muito importante para entender essas contradições nas quais estava imerso durante meu percurso como um jovem que tem sua experiência atravessada pela materialidade de ser negro, gay e da classe trabalhadora [...]. Uma questão que me atravessou muito foi a de conseguir entender minha subjetividade e o meu corpo dentro daquele espaço que muitas vezes parecia me tirar aquilo. [...] Um sujeito tendo que se dividir entre ser humano e ser uma máquina, sentir e pensar, excluir o corpo para produzir conhecimento e ser parte da universidade. Dentro do curso compreendi que essa experiência não era só minha, outras pessoas partilhavam esse não pertencimento, e essa sensação de ter sua subjetividade retirada de si, ou impedida de compartilhar ou vivenciar sua subjetividade dentro da universidade. [...]. A partir dos nossos "não pertencimentos" e dos nossos corpos conseguimos discutir racismo, classe social, homofobia, ser ou não ser parte do que a universidade entende como universitários, e conseguimos criar um lugar para chorar dentro da universidade". (Excerto da narrativa de Lucas).

Texto: Construção do sentimento de pertencimento e do poder de agir: "para o blog escolhi um nome que fazia referência ao livro de Machado de Assis 'Memórias Póstumas de Brás Cubas', por ser um livro que marcou minha adolescência e minha vida escolar. [...]. Percebo que tinham imagens dentro ou fora da universidade que faziam total sentido para aqueles momentos que estávamos discutindo e para cada situação que eu estava passando, assim o fato de trabalhar com imagens deixou de ser um 'peso' para mim. [...] Cada vez que eu escrevo algo no blog e depois levo para discussão no grupo me faz refletir. E questões como consciência de raça, classe, sexualidade, privilégios, relações pessoais e familiares sempre estavam presentes e como tudo isso nos influenciou de forma direta e indireta no ambiente da universidade. Mesmo quando eu não falava, só ouvia, o que era muito raro, eu me reconheci através das falas das outras pessoas e algumas vezes quando era falado algo que eu não concordei, havia muita liberdade para responder, tudo com muito respeito. [...] Durante as discussões no grupo eu percebi o quanto ingressar na universidade me empoderou enquanto mulher negra. [...] Eu sentia aquele espaço como um quilombo, no sentido de refúgio e fuga da extrema carga de conteúdos de algumas disciplinas e das questões externas e políticas que estavam ocorrendo na época e por várias vezes lamentava pelas reuniões acontecerem somente quinzenalmente. Eu ali me sentia acolhida e respeitada, a partir dali meu senso de pertencimento em relação a universidade se consolidou, se eu tinha alguma dúvida em relação a pertencer àquele espaço, essas dúvidas foram sanadas. Além da forte influência sobre minha vida acadêmica, após o projeto de extensão decido mudar o tema do meu trabalho de conclusão de curso e a linha de pesquisa que eu estava seguindo e passo a me interessar por juventudes". (Excerto da narrativa de Letícia)

Se as narrativas de si individuais nos blogs adquirem suas singularidades, no grupo, tais aspectos são partilhados, geram discussões sobre as aprendizagens significativas na

universidade e, configurando-se como processos de formação, conforme Dominicé (2000), articulam-se para cada um/a em diálogo com suas questões, os saberes de outros espaços sociais e da universidade: apreendidos nas aulas, nos grupos culturais e políticos dos quais participavam, nas atuações em eventos etc. Esses momentos de partilha eram recheados de sentimentos de tristeza, alegrias, indagações, debates, reflexões e circularidades de temáticas que se retomavam, em especialmente entre as fronteiras que precisavam ser objetivas e subjetivas, que era preciso ultrapassar para o sentimento de pertença à universidade.

4.1.1 Entrevista de pesquisa biográfica em educação

Posteriormente, os/as participantes do ateliê com blogs reflexivos são convidados/as a participar de uma entrevista de pesquisa biográfica em educação. No momento em que ocorre essa entrevista, já estão no final da graduação. Os eixos que orientam a entrevista de pesquisa biográfica em educação realizada são: as experiências formativas significativas antes da entrada na universidade; experiências formativas importantes na vida universitária, dentre elas, os sentidos da participação no ateliê com blogs reflexivos.

São entrevistas individuais que têm como eixos: as aprendizagens significativas antes da entrada na universidade, as aprendizagens significativas no curso de Pedagogia e o lugar das atividades realizadas no ateliê com blogs reflexivos no processo formativo da vida universitária. A entrevista começa com aspectos gerais sobre os processos formativos vivenciados nos diferentes espaços sociais e na vida universitária e, em seguida, retomam-se as atividades desenvolvidas no ateliê (o blog construído, os vídeos, as discussões realizadas) e há uma conversa sobre os sentidos dessa participação em relação às outras dimensões da formação na universidade. Esse momento de reflexão sobre as narrativas elaboradas em outro momento, denomino “restituição reflexiva partilhada¹⁶”.

4.1.2 Alguns elementos para as análises

Como explica Paul Ricoeur, a hermenêutica pressupõe o movimento de interpretar que combina os processos de explicar e compreender (RICOEUR, 2014). Realizo as análises interpretativas das narrativas de si das entrevistas de pesquisa biográfica em educação e do ateliê de pesquisa-formação a partir da apropriação de duas categorias

¹⁶ No processo de realização das entrevistas de pesquisa biográfica, ocorrem diversos encontros com cada participante da pesquisa, com reencontros, denominados “restituição reflexiva partilhada” (REIS, 2021) para dialogar sobre o material dos blogs e/ou das entrevistas transcritas e previamente lidas.

propostas por Christine Delory-Momberger (2014, p.91)¹⁷: 1) aquela que se refere à identificação dos *motivos recorrentes*, que tematiza e organiza a narrativa como lugar de reconhecimento das chaves de interpretação do vivido e 2) a categoria *gestão biográfica dos motivos*, em função da realidade sociocultural em que se insere aquele/a que produz a narrativa, ou seja, os recursos e disposições efetivos de cada um/a para enfrentar os desafios do contexto. Considero que tais categorias permitem estudar indícios de relação com o saber dos/as participantes (nas dimensões epistêmicas, sociais e identitárias) e as questões ou temáticas dominantes que eles/as constroem a partir da articulação entre as aprendizagens biográficas significativas na vida universitária em articulação com as aprendizagens apreendidas em outros espaços.

Primeiramente, realizo as análises dos materiais de cada participante: tanto do blog como um conjunto de narrativas com sua temática predominante como da narrativa de entrevista biográfica em educação. Em um segundo momento, são interpretadas as temáticas que perpassam as narrativas produzidas. É possível identificar temáticas que atravessam as diferentes entrevistas e analisá-las em relação ao contexto em que se inserem, o que pode contribuir para uma maior compreensão das questões de pesquisa. A seguir, apresento alguns aspectos da análise das narrativas produzidas por uma jovem em três momentos: no ateliê com blogs reflexivos, na narrativa escrita para um relato de experiência e na entrevista de pesquisa biográfica em educação.

4.2 Narrativas de si de uma jovem estudante de Pedagogia: indícios das aprendizagens biográficas e motivos construídos na relação com a vida universitária

Tendo como referência os pressupostos da pesquisa biográfica em educação e a teoria da relação com o saber, apresento, a seguir, a análise de narrativas de si produzidas por uma jovem estudante da Pedagogia.

4.2.1 O lugar da universidade para o reconhecimento de si, ruptura da pandemia e o recomeçar

Luana, quando participa do ateliê com blogs reflexivos, tem 24 anos e está entre o quarto e o quinto período da Pedagogia, no turno vespertino (2018/2019). Na entrevista de

¹⁷ As outras categorias utilizadas por Delory-Momberger (2014, p. 90) para as análises das entrevistas de pesquisa biográfica em educação são: formas do discurso (narrativo, descritivo, explicativo e avaliativo); esquemas de ação (estratégico, progressivo, situações de risco, atento – na espera).

pesquisa biográfica em educação, é recém-egressa do curso, apenas faltando a entrega do Trabalho de Conclusão de Curso. Está com 26 anos e trabalha na área de saúde por necessidades financeiras. Vivenciou muitos desafios no período da pandemia da Covid-19, com um sentimento de ter ficado “paralisada” e sem conseguir se “concentrar”. Explica que, neste momento, retoma a vida e recomeça seus planos.

Muitos são os materiais produzidos por Luana em todo esse período de participação na pesquisa, que trazem suas reflexões sobre a relação com a universidade: criação do blog “Existir e (Re)existir” (2019), do vídeo que faz parte do blog (2019), texto escrito sobre a experiência vivida no ateliê (2021) e a entrevista de pesquisa biográfica em educação (2022). Considero que cada um desses meios – criação do blog reflexivo; o texto escrito posteriormente; a participação na entrevista – produzem narrativas e, nesse processo, transformam-se em experiências realizadas, pois são novos momentos de reconfiguração e de distanciamento reflexivo sobre o vivido. As narrativas de Luana apresentam necessidades e motivos que se articulam nos materiais produzidos nesses três momentos, mas com especificidades dos contextos diferenciados de sua participação na pesquisa.

No período da participação no ateliê com blogs reflexivos, ela estava no meio do curso, com muitas demandas e atividades, vivenciando experiências novas: trabalhava como bolsista em um museu, havia cursado disciplinas que contribuíam para sua afirmação identitária. Ela partilhava com o grupo uma tristeza sobre os novos rumos políticos em relação à universidade, em razão do novo governo que assumia o poder e preconizava retrocessos nessa área. A temática de *reconhecimento de si e de resistência*, como mulher lésbica, contra a homofobia, os preconceitos e a invisibilidade das mulheres nos espaços sociais e na universidade perpassa tanto as produções escritas quanto imagens nos blogs e debates em grupo.

No momento da entrevista de pesquisa biográfica em educação, ela denomina sua temática dominante ou o *motivo recorrente* de “recomeço”, após um momento turbulento em razão das adversidades da pandemia, de cortes de bolsa da universidade que afetam drasticamente sua vida, que, dentre outros aspectos, gera uma ruptura com a vida acadêmica presencial. A degradação da universidade pública federal torna-se mais evidente, aliada às restrições do ensino remoto, justamente nos últimos anos de formação no curso de Pedagogia.

Destaco partes dessa produção, tendo como foco a questão: sentidos das aprendizagens na vida universitária e os motivos para aprender. Pela leitura e releitura do material, apresento as temáticas que Luana privilegia na produção do blog. Ela o intitula

“Existo e Resisto”. Sua primeira postagem, sobre “como a universidade entrou na sua vida”, data de setembro de 2018. Nela, Luana dá o tom de suas postagens posteriores:

Eu sentia a pressão crescendo a cada ano que se passava e eu não conseguia a tão sonhada vaga. Eu, perdida, sem saber o curso que queria, sem acreditar que eu era capaz de entrar e permanecer nesse espaço, fui tentando. Até que recebi um e-mail confirmando que finalmente tinha conseguido. Eu lembro que precisei mandar para cinco pessoas para ter certeza. Todo mundo estava feliz por mim e eu só conseguia pensar: caramba, sou boa o suficiente para isso?

Uma das marcas das reflexões de Luana de sua relação com a vida universitária é uma forte cobrança de si mesma e um questionamento sobre sua capacidade para vencer os desafios, e a entrada na Pedagogia é marcada por uma articulação entre a relação identitária e epistêmica com o saber. Ter entrado na universidade apresenta-se como uma relação de confiança em si mesma e nos saberes apreendidos, que configuram sua relação epistêmica com o saber, propiciando um distanciamento crítico para olhar o mundo de novas maneiras. Explica Luana:

A universidade deu aquele boom na minha cabeça. Um universo que eu não sonhava que existia, tantas possibilidades, uma mudança enorme na minha visão sobre o mundo, as relações, as pessoas. Foi uma das melhores coisas que me aconteceu. Claro que minha insegurança não foi embora por isso, até hoje me vejo em situações em que fico me questionando, mas tenho pessoas tão preciosas comigo e que me apoiam. Sem falar na representatividade que vi/vejo aqui dentro sempre. Mulheres na luta, resistindo as opressões que chegam de todos os lados, até mesmo dentro desse espaço tão “desconstruído” que é a universidade. Mulheres lésbicas andando com suas namoradas, me deu mais coragem pra fazer o mesmo. Ou seja, a universidade mudou o meu Eu, de uma forma muito boa. Teorias, vivências, pessoas, momentos, cada dia mais conhecimentos. Mesmo com todas as dificuldades para permanecer, eu vou (r)existir aqui.

Os saberes acadêmicos apropriados, o que Bernard Charlot nomeia de relação epistêmica com o saber, fortalecem sua relação identitária com o saber, porque nutrem a valorização de si mesma e de afirmação em relação a outras pessoas como mulher lésbica e comprometida com uma sociedade que rompe com os preconceitos em diferentes dimensões. Os estudos, os eventos, as discussões com os/as colegas propiciam repertórios de conhecimentos e referências relacionais para se sentir bem com sua sexualidade e, desse modo, contribuem também para fortalecer os laços com os estudos.

Pode-se identificar que, pelos exemplos apresentados nas narrativas de si de Luana, os conhecimentos de si, das outras pessoas e do mundo passam pelas aprendizagens acadêmicas, teóricas, mas também pelas aprendizagens relacionais e pelos espaços de luta entre os pares que se constroem na vida universitária.

Sobre os espaços da vida universitária que se apresentam como mais significativos para sua construção como estudante, Luana, com o subtítulo “Memórias”, apresenta três imagens e uma música. São registros fotográficos das paredes do Centro Acadêmico do

curso de Pedagogia. Segundo ela, tais imagens trazem a carga simbólica da luta. Uma dessas imagens refere-se a Paulo Freire: “Ser professor e não lutar é uma contradição”. A outra é da lousa da sala de aula, com várias frases que remetem à luta das mulheres. Em outra fotografia, ela destaca a imagem de Simone de Beauvoir.

A terceira postagem, “Silêncio”, e a postagem “Portas e Portais” são frutos de uma atividade específica realizada no ateliê com blogs reflexivos. Após eu apresentar um vídeo, que denomino “Portas e Portais”, em que apresento imagens e uma música sobre minha relação com a universidade, faço uma atividade com as imagens, inspirada no ateliê de criação de Christine Delory-Momberger. Apresento as imagens do vídeo em fotos e peço para cada um/uma escolher uma delas¹⁸. A postagem “Silêncio” refere-se à imagem de uma jovem com roupas da Idade Média e com tarjas na boca e nos olhos. Ela explica:

[...] Vi as vestes antigas, uma mulher do século passado onde não tinha o direito de ao menos dar sua opinião. Os olhos e a boca tampados. Sem direito de fala e muitas vezes fechando os olhos para situações de extrema opressão. Ainda hoje, por mais que anos tenham passado, situações como essas acontecem, avançamos em diversos aspectos, mas ainda é um assunto muito frágil. ‘Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres.

Desse modo, Luana retoma a temática de luta pelo reconhecimento de si e de outras mulheres na sociedade, invisibilizadas ou que sofrem violência simbólica ou física na sociedade patriarcal, machista e heteronormativa, a partir de seu engajamento nas atividades da vida universitária. Já o vídeo que ela produz apresenta a vida universitária como pulsante e com desafios tanto em relação aos estudos como em relação a outros tipos de atividades, além de seu engajamento nas lutas pelas questões que a mobilizam.

A partir dos conhecimentos da cultura acadêmica, dos espaços coletivos com os/as colegas, Luana passa a reconhecer a si mesma como parte desse espaço, que contribui para o fortalecimento de seu processo identitário, com potencialidades em sua construção como estudante de Pedagogia. A temática de existir e de resistir perpassa todas suas postagens no blog e apresenta, nesse primeiro momento, os motivos que a mobilizam para se envolver nos espaços da vida universitária e para estudar. Nesse processo, ela elabora seu projeto de trabalho de conclusão de curso, que problematiza a situação das mulheres mães no curso de Pedagogia.

Um outro momento, após a participação no ateliê com blogs reflexivos, refere-se à construção de um relato de experiência, um texto escrito sobre o que foi vivido na

¹⁸ Em trio, cada um/uma narra os motivos de escolher tal foto; um/a outro/a faz perguntas e um/a terceiro/a transcreve a narrativa como se fosse aquele/a que apresenta a escolha da imagem. Posteriormente, cada um/a escreve no blog sobre a escolha da imagem e, também, para que construa o vídeo “Portas e Portais”. Cf: ateliês de criação de Delory-Momberger.

experiência com o blog reflexivo (2021). Luana escreve no período da pandemia, em que a relação com a universidade acontecia por meio de aulas remotas, um relato sobre as atividades vivenciadas no ateliê com blogs reflexivos:

Meu reconhecimento enquanto mulher lésbica direcionou bastante minha trajetória no grupo de extensão. Foi um espaço que me possibilitou tantas descobertas sobre quem eu sou ou quem eu queria/quero ser. Encontrei nesse mesmo ambiente a oportunidade de externar minhas indignações, medos, incertezas, principalmente porque estávamos passando, e ainda estamos, por momentos pelos quais ser quem eu sou pode custar minha vida. A universidade passando por ataques políticos, a desvalorização da educação pública e de qualidade, a grande onda de quem é um cidadão de bem ou não, valores e ideais religiosos empurrados como a única e absoluta verdade... São momentos extremamente difíceis e o grupo de extensão, para mim, foi essencial nas discussões e principalmente como um ponto de apoio e compreensão. Meus relatos nas reuniões sempre trouxeram esses dois marcadores importantes na minha vida, mulher e lésbica, pois foi um dos poucos espaços no qual senti a necessidade de trazer certas reflexões. [...] A universidade foi e é um espaço que me proporcionou muitas descobertas e novos conhecimentos, sendo eles intelectuais ou não, ajudando assim na construção de quem eu sou hoje. É importante saber que não somente para mim, mas para cada um, a relação com a universidade ocorre de forma diferente, mas com aspectos parecidos, como os problemas, as expectativas e frustrações. Poder fazer parte desse espaço muitas vezes me trouxe o sentimento de pertencimento, de acolhimento e cuidado, considerando que os estudantes que permaneceram, assim como eu, são da classe popular, cada um com a sua luta e esforço para se manter na universidade. [...]

A narrativa escrita por Luana sobre sua participação no ateliê com blogs reflexivos apresenta como esse espaço de escuta, com a valorização de seus modos de expressão, na partilha com os dos/as outros/as participantes, contribui para sua formação. Valoriza os processos de heterobiografização vivenciados (REIS, 2020) e as dimensões formativas do espaço de diálogos com as narrativas de si. Se, para Luana, os processos formativos no ateliê contribuíram para aguçar seu sentimento de pertencimento em relação aos/às colegas, ao curso, à universidade, para definir seu trabalho de conclusão de curso, dentre outros aspectos, experiências vivenciadas após esse período apresentam outras nuances dos processos formativos na universidade.

A seguir, apresento brevemente alguns desses aspectos, a partir da entrevista de pesquisa biográfica em educação realizada com Luana no início de 2022, quando ela termina o curso de Pedagogia, restando apenas entregar o trabalho de conclusão de curso. É importante destacar que entre o ateliê de blogs e reflexivo e a entrevista há um hiato com grandes turbulências na vida de Luana: a universidade corta abruptamente sua bolsa de trabalho no museu; ela vivencia um período com problemas financeiros, agravados pela pandemia de Covid-19, e é obrigada a terminar o curso com o ensino remoto, pela internet. Para enfrentar os desafios, passa a trabalhar na área da saúde, totalmente distante de sua formação na graduação. Vale lembrar que a entrevista foi transcrita.

Após várias leituras, é possível identificar temáticas, questões e motivos apresentados na narrativa de Luana enquanto experiência realizada. Por um lado, ela retoma a temática do reconhecimento de si e da leitura de mundo propiciados pelas atividades acadêmicas, tanto na sala de aula como na bolsa no museu.

Se a temática da sexualidade, do reconhecimento de si, de luta pelos direitos à diversidade, pelo direito das mulheres perpassa a construção do blog reflexivo, na entrevista de pesquisa biográfica em educação, identifica-se que o assunto já fazia parte de suas questões bem antes da entrada na universidade. Ela conta que vivenciava seus conflitos de se sentir excluída no período em que estudava no Ensino Médio. Ficava muito em casa, sem amigos, e não se mobilizava em relação aos estudos, apesar de gostar muito de ler. Ela considera que somente passa a viver sua juventude com as primeiras experiências de trabalho e com a entrada na universidade, pois, a partir de então, suas inquietações e descobertas entram em diálogo com os conhecimentos, as referências políticas que passa a conhecer no curso. Acrescenta que, no ateliê com blog reflexivo, ocorre a possibilidade de articular esses aspectos e construir sentidos para as diferentes dimensões de sua vida, porque, nesse espaço, cada um/a podia se expressar, o que a possibilitou dar ênfase a essa questão que a mobilizava.

Quando vim para a universidade eu me descobri a partir de outras questões, de questões políticas que a gente começava a discutir, eu tinha esse conhecimento, mas não me aprofundava, era só por cima. Eu costumo dizer que isso foi um pouco tardia, essa parte de aproveitar a juventude, porque enquanto as meninas estavam saindo, se divertindo e tal, eu não tinha muita essa vontade, só quando eu fui amadurecendo mais.

Uma outra temática que se sobressai na entrevista é a da dimensão política da formação, que dialoga com a construção do reconhecimento de si no curso e com a cobrança em relação à sua própria capacidade de ultrapassar os obstáculos. Tais aspectos aparecem especialmente quando sua narrativa trata sobre os momentos significativos da formação na universidade. Como em outros estudos sobre a relação dos/as estudantes com a universidade, Luana afirma que o primeiro período foi de adaptação e, em seguida, passa a compreender as lógicas acadêmicas.

O primeiro período foi mais a adaptação. [...] a gente se assusta um pouco porque você já lida com a disciplina Fundamentos Filosóficos (risos). [...] bem complicado para quem não estava tendo essa rotina de leitura, porque os textos são difíceis. Eu tenho muita dificuldade para me concentrar em leitura, me concentrar em alguma coisa, é muito difícil assim [...]. O segundo período foi muito difícil, acho que eu realmente duvidei da minha capacidade de fazer alguma coisa, porque foram conteúdos desafiadores, porque nos primeiros períodos é realmente a parte teórica, você vai aprender sobre a pedagogia desde o princípio, mas a partir do segundo período foi quando eu realmente comecei a me dedicar, a ler os textos, a aprender [...]. A partir do segundo que eu comecei a me dedicar, foi quando eu consegui

passar na seleção do museu, então acho que [foi] uma das coisas que mais marcou na graduação. [...]

Identifica-se que o trabalho no museu proporcionou as mudanças mais significativas na sua formação e um fortalecimento da relação identitária com o saber, o que contribui para o engajamento nos estudos no curso de Pedagogia. Ela afirma: [...] “aprendi muito, tanto na parte da minha formação, como [com] amigos que eu fiz para o resto da minha vida, pessoas que eu amo, que foi realmente ter essa bolsa de extensão, passar no museu”. Portanto, as atividades que compõem a formação universitária de Luana são o trabalho no museu, a participação na extensão no ateliê com blog reflexivo, na pesquisa como voluntária em um a bolsa de iniciação científica (Pibic), em articulação com os conteúdos acadêmicos aprendidos na disciplina, especialmente no que concerne a um distanciamento crítico, com leitura de mundo e fortalecimento de suas referências identitárias:

Eu comecei a entender um pouco dessa questão social relacionada à educação, que tudo está entrelaçado à educação, que essa questão política não está desvinculada a isso da educação, porque abre totalmente a nossa mente. Você começa a fazer conexões que não conseguia fazer antes de entrar na universidade, entrar no curso, principalmente essa questão social, e comecei a entrar em lutas das minorias, então pelo pouco que eu lembro do meu blog, falava muito sobre isso, tocava muito nessa questão da luta das mulheres, principalmente da questão da minha sexualidade, por mais que a gente não tocasse diretamente nisso nos conteúdos, sempre despertava para esse lado porque você começa a fazer discussões sociais. Um dos momentos que me marcou muito foi a despedida do professor de Antropologia da Educação, no qual eu falei um pouco dessa questão da luta das mulheres, expus para a turma. Foi aí que todo mundo soube da minha sexualidade também [...]. Com outra professora teve a questão da educação no campo que ela conseguiu desconstruir muita coisa que a gente pensava e que realmente não era dessa forma, com as pessoas que moram no campo, um certo preconceito que se tem com essa questão. [...] O outro momento que me marcou muito foi o Pibic, que foi realmente desafiador, a apresentação do Pibic eu achei que eu ia enfartar ali em cima (risos). Com a bolsa do museu eu tive muitas experiências, eu organizei muitos eventos, participei de mesa, fui coordenadora de mesas, coordenadora de evento, fui organizadora de exposição. [...] Eu sempre cito a bolsa de extensão do museu e o Pibic, que foram dois anos, praticamente a minha graduação, porque o resto foi a distância. A gente ficou três anos aqui e o resto foi a distância e o grupo de pesquisa, então penso que esses três foram os que mais marcaram, quando eu falo da minha graduação eu falo sobre esses três momentos.

No entanto, apesar de retomar as razões que englobam suas narrativas produzidas no blog, nos diálogos em grupo, no texto reflexivo sobre a experiência no ateliê, duas reconfigurações ocorrem em sua vida e influenciam sua relação com a universidade. Uma delas articula-se com o desmonte que vêm sofrendo as universidades públicas federais. Em razão de cortes de verbas, Luana perde a bolsa no museu de uma hora para outra, sem receber nenhuma justificativa. Outra mudança abrupta ocorreu com os desdobramentos da pandemia da Covid-19 no meio do curso. Ela deixa de frequentar a vida universitária e

passa a ter aulas pelo ensino remoto. O território universitário, com sua riqueza de dimensões, passa a se resumir a uma tela de computador ou de celular.

O distanciamento dos amigos [...], da rotina dentro da universidade me atingiu muito, de uma forma que não pensei que ia atingir. Minha rotina era: eu ia para o museu de manhã, universidade à tarde, espanhol ou alguma atividade ou reunião com nosso grupo à noite. E isso foi cortado, perdi o estágio que eu demorei para conseguir [...]. É uma seleção difícil. [...] Quando finalmente eu tinha conseguido, eu passei um mês lá, fechou tudo. Foi frustrante. Você fica em casa, fica com ansiedade [...]. O que mais me frustrou foi as coisas saírem totalmente do meu controle, de como eu planejava.

As preocupações com as condições objetivas de sobrevivência e o distanciamento da vida universitária presencial levam ao adoecimento. Deste modo, percebe-se que as questões, as necessidades e os motivos que passam a sobressair em sua narrativa de si estão vinculados ao “recomeçar”:

Hoje eu estou realmente tentando reconstruir algumas coisas, alguns caminhos, tentando colocar na minha frente o que realmente eu quero, porque estava muito difícil [...]. Eu estou tentando me reerguer mesmo, me reconstruir, tentando focar em algumas coisas para eu me sentir melhor, porque você começa a sentir que você não tem a capacidade de fazer certas coisas, que você não é capaz de um TCC, um texto, leitura, tudo fica mais difícil de fazer, então hoje a Luana é isso, a pessoa que está tentando se reestruturar, tentando estabelecer seus focos de novo, novamente, para este ano tentar mudar. O que não consegui fazer, o que ficou parado nesses anos de pandemia. Melhorou inclusive porque eu comecei a trabalhar, a ter contato com outras pessoas, a pensar mesmo, aprender uma coisa nova, então o mais novo realmente foi isso. Mas estava meio estagnado, assim, então foi muito difícil.

As condições objetivas de vida e os sentidos das atividades realizadas contribuem para construir nossa relação com o mundo, com os/as outros/as e com nós mesmos/as e, em determinados tempos/espacos, configuram-se como questões que nos movem aos engajamentos em relação a determinadas atividades, e não a outras.

Sobre a análise da gestão biográfica dos motivos, identifica-se que Luana, a partir das narrativas de si como experiências realizadas, apresenta, em suas reflexões, como os conhecimentos teóricos e relacionais, potencializados no espaço de diálogo do ateliê com blogs reflexivos, contribuem para o fortalecimento de seu processo identitário e seu engajamento nas resistências contra as violências físicas e simbólicas, como parte de sua formação na Pedagogia. Já na entrevista, ela realiza um distanciamento reflexivo sobre as fraturas sofridas com os problemas nas condições objetivas e os processos de subjetivações deles decorrentes, tanto por perder a bolsa no museu como pelas dificuldades vivenciadas com a pandemia, colocando como questão primordial “recomeçar” seus projetos pessoais e acadêmico.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Propõe-se, neste artigo, um caminho possível para pesquisar as juventudes, sua relação com o saber, seus modos de expressão e aprendizagens biográficas na vida universitária. Parte-se do pressuposto de que existem desafios específicos para essas juventudes no espaço universitário, mas que também, nele, existem expressões juvenis singulares e coletivas que podem ser analisadas e potencializadas.

Para levar em consideração as articulações entre as diferentes dimensões das experiências dos/as jovens na universidade, que se articulam com aquelas que eles/as trazem de outros espaços sociais, parte-se da noção de vida universitária com suas fronteiras, com suas condições objetivas e seus processos de subjetivação, que envolvem, por exemplo, as aprendizagens dos conteúdos acadêmicos e relacionais na sala de aula, mas também em outros lugares: nos corredores, nos grupos de extensão e de pesquisa, nos eventos, nos grupos culturais e políticos, nos vínculos de amizade etc.

Para tanto, recorro à teoria da relação com o saber, a partir da teoria de Bernard Charlot, tendo como foco a noção de atividade de Leontiev, em especial de como as razões são produzidas para os engajamentos nas atividades sociais daqueles/as que delas participam, que envolvem o domínio de suas lógicas específicas de relação com o aprender, que entrelaçam dimensões epistêmicas, de apreender saberes-objetos e relações; identitárias em relação à imagem de si e dos outros sobre si e sociais.

Para estudar essas questões, opta-se por procedimentos de pesquisa com os/as jovens, para a produção de narrativas de si como “experiências realizadas”, em diferentes momentos da trajetória no curso de Pedagogia: a “pesquisa-formação” (ateliê com blogs reflexivos em suas dimensões de automedialidade, 2018/2019) e de produção individuais e coletivas de narrativas de si, os textos individuais com narrativa escrita, enquanto relato de experiência (2021) e das entrevistas (2022).

Identifica-se o lugar importante que a vida universitária tem para esses/as jovens, com suas contradições: sentimento de orgulho por ultrapassar a fronteira e nela ingressar e os dilemas de não fazer parte dela, em suas diferentes dimensões. É notório, também, que os conteúdos acadêmicos, se, por um lado, geram momentos de sofrimento pelas dificuldades de compreender suas lógicas, por outro, nutrem distanciamentos reflexivos para ver o mundo de outra forma. É recorrente entre os/as participantes da pesquisa a reivindicação de espaços de diálogo, como o ateliê com blog reflexivo, para seus modos de expressão e para partilhar suas questões que, embora com problematizações singulares, entrelaçam-se. Como explica Ferrarotti (2014, p.58), é possível ler a “sociedade através de uma biografia”, compreendida não como o estudo do vivido, mas como a escrita da vida:

enquanto conjunto de configurações e de práticas discursivas pelas quais os sujeitos atribuem forma e sentido à sua existência e inscrevem sua experiência no espaço social. Parte-se do pressuposto de que o indivíduo realiza uma “reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia porque filtra, interpreta, interfere nele ao projetá-lo para outra dimensão, a da subjectividade” (FERRAROTTI, 2014, p.58), reinventando-se incessantemente enquanto sujeito.

Deste modo, as questões singularmente construídas ressoam nas questões de outros/as estudantes, que participam de um mesmo momento histórico, em uma universidade pública federal, com suas dificuldades, lutas, dilemas; a cultura acadêmica partilhada, de que participam em espaços comuns, no mesmo “território”. A análise desse movimento de cada jovem, suas aprendizagens significativas, suas reflexões e suas razões são o foco desta pesquisa, compreendidas como dimensões da relação com o saber desses/as jovens.

O dispositivo do ateliê com blog reflexivo apresenta-se como um potente espaço de formação, de aprendizagens partilhadas e de ressignificação do lugar da universidade na vida daqueles/as que dela participam. A produção e a partilha das produções dos blogs tanto como processos de práticas de si com automedialidade e das narrativas de si envolvem intensos processos de biografização, cujos motivos do presente articulam-se nas diferentes dimensões da relação com o saber: identitárias, epistêmicas e sociais. Por exemplo, nas análises das diferentes narrativas de si de Luana, evidencia-se a temática de resistência, relacionada ao reconhecimento de si como mulher lésbica, que articula as aprendizagens epistêmicas apreendidas nas disciplinas acadêmicas, como Fundamentos da Educação, e, também, as aprendizagens nas participações em eventos com o diretório acadêmico e, de maneira especial, na participação no ateliê com blogs reflexivos. Seu blog, as imagens e os debates sempre retomavam suas questões. Na entrevista de pesquisa biográfica que ocorre no final do curso, apresentam-se outras necessidades e motivos predominantes em razão das rupturas com a vida acadêmica, dentre elas ter perdido a bolsa de estudos no museu, um espaço significativo para sua formação, e o distanciamento causado pela pandemia de Covid-19. Essas rupturas colocam em articulação outras referências para sua biografização, o que traz à tona a temática do “recomeçar”, que mobilizará seus esforços e engajamentos nas próximas atividades em sua vida e em sua formação.

Para vivenciar e pertencer à vida universitária e engajar-se em suas diferentes atividades, é preciso ultrapassar fronteiras objetivas e simbólicas, que devem ser levadas em consideração por aqueles que são os/as gestores/as do curso e da universidade federal,

que deve ser alvo de investimentos tanto financeiros como de suporte, que contribuam para superar os desafios. A falta de condições financeiras, de bolsas de estudo, de espaços de diálogo contra os silenciamentos, o sentimento de não reconhecimento e/ou pertencimento aos diferentes espaços da vida universitária, de compreensão das lógicas específicas dos conteúdos acadêmicos, como nos exemplos apresentados neste estudo, podem impedir a ultrapassagem dessas fronteiras. É importante que essas dimensões formativas e de pesquisa sejam levadas em consideração nos investimentos e nas propostas educativas nos espaços da vida universitária.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, 1996.
- CHARLOT, B. *Du rapport au savoir*. Éléments pour une théorie. Paris: Anthropos, 1997.
- CHARLOT, B. *Da Relação com o saber*. Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- CHARLOT, B. *Relação com o saber*. Formação dos professores e Globalização. Questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- CHARLOT, B. (2021). Dos fundamentos antropológicos de uma teoria da relação com o saber. *Revista Internacional Educon*, 2(1), 2021.
- COULON, A. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1239-1250, out.-dez. 2017.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. v. 1. Artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- CHARLOT, Bernard; NEVES, E.D.; SILVA, V.A. Des universités plus hétérogènes. Recherches sur le rapport au savoir des étudiants brésiliens. *ACADEMIA*, v. 10, p. 109-135, 2017.
- DAYRELL, J. A escola faz juventudes: reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n.100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007.
- DELORY-MOMBERGER, C. *Histoire de vie et recherche biographique en éducation*. Paris: Anthropos. Ed. Econômica, 2005.
- DELORY-MOMBERGER, C. *De la recherche biographique en éducation: fondements, méthodes et pratiques*. Paris: Téraèdre, 2014.
- DELORY-MOMBERGER, C. De quel savoir la recherche biographique est-elle le nom? In: Dizerbo, A. (Dir.). *La recherche biographique: quels savoirs pour quelle puissance d'agir?* Paris: Espace editorial Le sujet dans la cité/L'Harmattan, Hors-serie *Le sujet dans la cité*, Actuels, n. 6, 2017.
- DELORY-MOMBERGER, C. Biographie, biographique, biographisation. In: Delory-Momberger, C. *Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique*. Toulouse: Éditions Éres, 2019.
- DELORY-MOMBERGER, C. Formación, saberes experienciales y aprendizaje biográfico. *ESPACIOS EM BLANCO. Revista De Educación. Serie Indagaciones*, 2(31), 2021, 341-350.
- DELORY-MOMBERGER, C. Rapport à soi, rapport à l'autre: modalités contemporaines de la construction de soi entre frontières visibles et invisibles. In: SOUZA, E.C; VICENTINI, P.P.; LOPES, C.E. *Vida, narrativa e resistência: biografização e empoderamento*. Paraná, CRV, 2018, p. 95-104.
- DELORY-MOMBERGER, C.; BOURGUIGNON, J.-C. Médialités biographiques, pratiques de soi et du monde. *Le Sujet dans la Cité*: L'Harmattan, Actuels n. 9, 2020/1, p. 17 à 26.
- DOMINICÉ, P. *L'histoire de vie comme processus de formation*. Paris, França, L'Harmattan, 2000.

- FORNAPRACE. V PESQUISA NACIONAL DE PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL DOS/AS GRADUANDOS/AS DAS IFES 2018. Brasília: 2019.
- FERAROTTI, F. *História e histórias de vida: o método biográfico nas Ciências Sociais*. Natal: EDUFRN, 2014.
- FREIRE, P. *A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1989.
- FÉLIX J.; DE OLIVEIRA, M.L. A educação não-escolar como potencializadora de processos (trans)formativos de jovens universitários/as. *Educação*, 9(3), 2020, p. 83-95.
- FOUCAULT, M. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade, política*. In: MOTTA, M.B. da (org.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. v. 5.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- LEONTIEV, A. *Actividad, conciencia y personalidad*. México: Editorial Cartago de México, 1984.
- LATERASSE, C. *Du rapport au savoir à l'école et à l'université*. Paris: L'Harmattan, 2002.
- MELIN, V. Les décrocheurs scolaires se racontent: como a entrevista da pesquisa pode contribuir para a desconstrução dos processos de estigmatização? *Revista Portuguesa de Educação*, 33(2), 2020, 310-328.
- MICHEL, J. *Ricoeur e os pós-estruturalistas: Bourdieu, Derrida, Foucault, Deleuze e Castoriadis*. Carviçais: Lema d'Origem, 2015.
- PASSEGGI, M.C. Enfoques narrativos em la investigación educativa brasileña. *Paradigma*, 2020, p.57-79.
- PEREIRA, A.S. Práticas juvenis e patrimônio: deslocamentos das notas de rodapé de uma pesquisa. *Revista Mundaú*, 2021, n. 10, p.131-148.
- PAIS, J.M. *Culturas juvenis*. INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, Análise Social, 2.ed. Lisboa, 2003.
- REIS, R. *Relação com o saber de jovens estudantes no ensino médio: modos de aprender que se encontram e se confrontam*. Paraná: Appris, 2021^a.
- REIS, R. Diálogos entre Questões de Pesquisa que Orientam a Teoria da Relação com o Saber de Bernard Charlot e a Pesquisa Biográfica em Educação de Christine Delory-Momberger. *Revista Internacional Educon*, 2(3). 2021b, p.1-18.
- REIS, R. Jeunes/lycéens: Les expériences scolaires et leurs processus biographiques. *Pratiques sociales et apprentissages*, Jun. 2017, Saint-Denis, France. 2017, p.1-8
- REIS, R. Pesquisa biográfica e heterobiografização: Fonte de aprendizagem para o/a pesquisador/a. *Pesquisa Portuguesa de Educação*, 33 (20, 2020, 295-309.
- RICOEUR, P. *Tempo e narrativa 1: a intriga e a narrativa histórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- SOUZA, M. C. R. F.; LOURENÇO, M. N. S. Relação com o saber e território: experiências de estudantes em tempo integral. *Revista Espaço Pedagógico*, v. 27, p. 876-900, 2021.
- SOUZA, E.C.; MEIRELES, M.M. (2018). Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v.15, n.39, 2018, p.282-303.
- SÉVÈ, L. *Penser avec Marx Aujourd'hui*. Tome 2: "L'homme"? Paris: La Dispute, 2008.
- SCHÜTZ, A. *Fenomenologia e Relações sociais*. (Organização e introdução de Helmut R. Wagner). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- VERCELLINO, S. (2021). Uma Contribución a la Fundamentación Epistémica y Delimitación Teórica de la Noción de "Relación com el Saber". *Revista Internacional Educon*, 2(1), 2021.